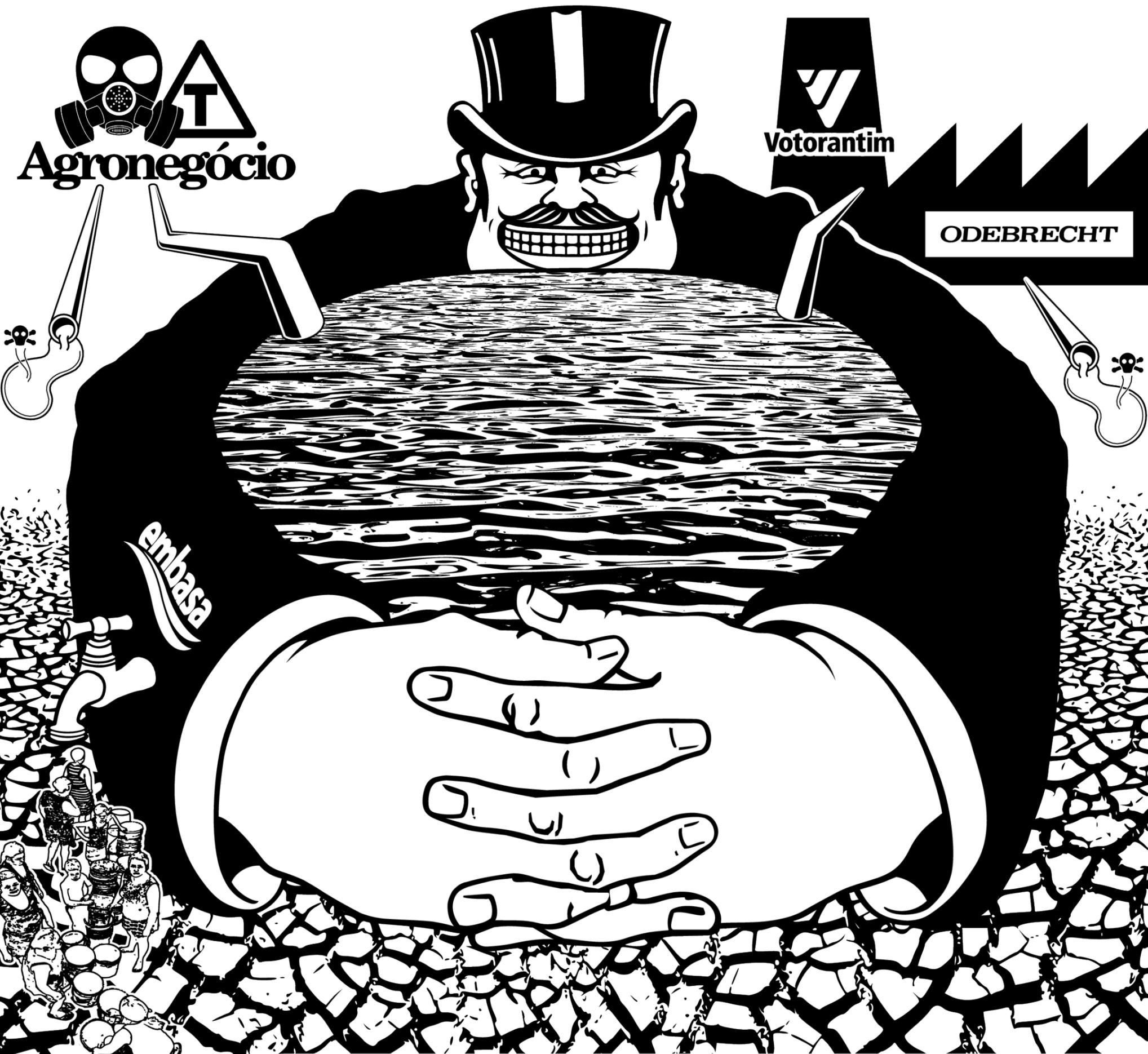


CAFÉ PRETO

ACORDANDO PARA A LUTA



um jornal anarquista



2 Nova Lapa

4 Na Terra e no Mar, Nós Vamos Lutar!

6 Pra Onde Vai a Crise?

7 Quem São os Donos da Festa?

8 A Crise Hídrica

10 O Sindicato somos Nós!

12 Chacina no Cabula

15 Café bom é Café Forte!

NOVA LAPA

Em Salvador, o processo de venda da Estação da Lapa representa mais uma ação do governo municipal, entre várias já realizadas, inseridas na política de privatização dos espaços, bens e serviços públicos. Em outras palavras, é como se o atual prefeito, Antônio Carlos Magalhães Neto, estivesse etiquetando toda a cidade em uma daquelas liquidações de "Queima de Estoque", bastando ter dinheiro no bolso para levar para casa todo e qualquer produto.

O maior terminal rodoviário da cidade, com um fluxo médio de 400 mil pessoas por dia, não ficou muito tempo na vitrine. Sua compra foi efetuada por um grupo formado por três empresas, **Socicam (SP), Participa (SP) e Axxo (BA)**, que irão operar o referido terminal pelos próximos 35 anos,

a população constitui apenas uma característica típica dos representantes do Estado. Assim, cabe destacar que o referido projeto foi apresentado ao legislativo (câmara dos vereadores) em uma quinta-feira (12/12/13), sua votação e consequente aprovação realizou-se na segunda-feira (16/12/13), não havendo entre estas datas nenhuma sessão ordinária ou extraordinária para tratar de tal assunto.

Diante da dimensão e importância com que o assunto deveria ser tratado, vocês acreditam que os vereadores tiveram tempo suficiente para estudar e compreender o projeto pelo qual votavam? E mais, em que momento desse processo a opinião e as alternativas que poderiam ser apontadas pela população soteropolitana foram consideradas? Como se

público aos "cuidados" dos empresários.

A partir da administração da iniciativa privada, a exploração comercial vai se tornar predominante no

cas do Terminal da Lapa, deveriam considerar as diferentes possibilidades de uso do solo. Se isso tivesse sido feito, seria possível compreender sem muito esforço os problemas de-

É como se o atual prefeito, ACM Neto, estivesse etiquetando toda a cidade em uma daquelas liquidações de "Queima de Estoque" onde bastando o dinheiro no bolso, leva-se para casa todo e qualquer produto.

Terminal da Lapa. Vai se cobrar pra usar todo tipo de equipamento existente, entre eles, os banheiros. Pretende-se transformar a área superior da Lapa em mais um Shopping, como se já não houvesse bastante, inclusive nas imedi-

correntes da localização de mais um shopping nas imediações do centro da cidade. Aumentar o fluxo de pessoas e veículos para um ambiente já pouco acessível não parece ser uma das melhores alternativas para aquele local. Agora me diga, alguém te perguntou alguma coisa? Pois é, o Estado não pergunta e não autoriza nossa verdadeira participação nos assuntos que nos afetam diretamente. Por outro lado, quantas reuniões e encontros não foram feitos com os empresários no alto dos prédios e nos gabinetes do prefeito e dos seus secretários?

Essa conversa de repassar a administração de bens e serviços públicos para iniciativa privada é bem conhecida aqui no Brasil. Em geral, o discurso é que repassando a responsabilidade para tais grupos a melhoria da infraestrutura, do atendimento e oferta de serviços estaria assegurada, aquele velho 'migué' já conhecido pelo menos desde os anos 90.

A lógica estabelecida é a da transformação daqueles serviços públicos essenciais, como a saúde,



podendo ser prorrogável por igual período, totalizando 70 anos! A velocidade com que o **Projeto de Lei no 903/13** foi apresentado e aprovado poderia até nos surpreender, mas a ausência de diálogo e transparência para com

vê, tal ação avançou independentemente daqueles e daquelas que vivenciam cotidianamente o Terminal da Lapa, resultando dessa forma na **Lei no 8.545** de 22 de Janeiro de 2014 que autorizou a prefeitura a alugar mais um serviço

ações do Terminal (Shopping Piedade e Shopping Center Lapa). Decisões relacionadas diretamente com o processo de desenvolvimento urbano, como representa esta ação de privatização e reorientação das dinâmi-

educação, habitação, energia e transporte – só para citar alguns – em serviços privados, tratados enquanto mercadorias,

do Transporte Coletivo Urbano que nós enfrentamos todo dia aqui na cidade da Bahia. Desde o dia 02/01/15 pagamos R\$

Inaugurada nos anos 80, o Terminal da Lapa tem estado nos últimos anos em situação precária de conservação, lembre-se, de forma intencional. Iluminação inadequada, infiltração, restritas opções de acessibilidade (escada rolante ali é só enfeite), má conservação dos banheiros, pisos e calçamentos, ausência de assentos e abrigos adequados para espera dos ônibus e por aí vai. É indiscutível que a Lapa precisa de todo tipo de reformas, no entanto, o que se questiona aqui é o

Todo este cenário demonstra, entre outras questões, a imposição histórica que o Estado exerce sobre os indivíduos e a restrição de liberdade e participação concreta nos interesses coletivos. As ações específicas do governo municipal sob a batuta de Antônio Carlos Magalhães Neto só confirmam as considerações que aqui nos referimos. Se não podemos ignorar a presença do Estado nas nossas vidas, precisamos explorar, sempre com muita cautela, as brechas

O Estado não nos permite participar verdadeiramente nos assuntos que nos afetam diretamente. Por outro lado, quantas reuniões não foram feitas com os empresários nos gabinetes do prefeito e dos seus secretários?

voltados exclusivamente para o lucro. O sucateamento dos equipamentos públicos representa ação intencional por parte dos governantes, para eles, que estão a serviço dos grandes empresários, quanto pior um bem ou serviço mais fácil convencer o cidadão comum de que a melhor alternativa seria transferir tal responsabilidade para o setor privado, lavar as mãos e repassar o preço disso, literalmente, ao usuário final.

Faça um exercício, a propósito, e reflita sobre as condições da mobilidade e

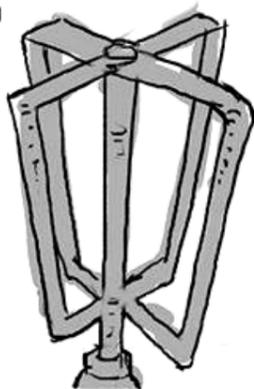
3,00 para circular pela cidade, além de uns ônibus coloridos, uns painéis eletrônicos aqui e acolá. Fale-me da demora na espera dos ônibus, dos pontos lotados, dos intermináveis engarrafamentos, dos finais de linha mal estruturados, dos pontos de ônibus sem abrigo, ufa! Trocando em miúdos, não é com aumento de passagens que se resolve o problema das linhas mal planejadas, da frota insuficiente, dos trabalhadores e trabalhadoras submetidos a precárias condições de trabalho e etc., mas voltemos à estação da Lapa.

A lógica estabelecida é a da transformação daqueles serviços públicos em serviços privados, tratados enquanto mercadorias, voltados exclusivamente para o lucro.

caminho fácil realizado pela prefeitura, que abre mão dos serviços públicos essenciais como primeira e única alternativa a ser executada. Trata-se de falta de alternativas ou de uma opção política comprometida com os opressores?

apresentadas por ele. Contudo, é priorizando sempre a ação direta, através da organização dos oprimidos em suas lutas cotidianas que conquistaremos de forma mais efetiva a nossa autonomia na construção de uma outra realidade.

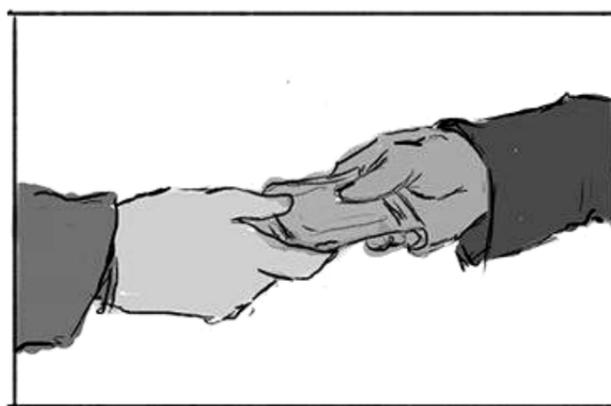
QUANDO O SOM DA CATRACA GIRANDO



REPRESENTA MAIS DINHEIRO



ÔNIBUS LOTADO SE TORNA



A SINFONIA DO ABUSO FINANCEIRO
ROBERT YD

NA TERRA E NO MAR, NÓS VAMOS LUTAR!

No Brasil, o direito das mulheres negras quilombolas e marisqueiras vêm sendo violado pelo estado há séculos. Nossas mulheres sofrem com a falta de políticas públicas, com a violência física, sexual, moral e com a destruição

mata a população pobre em nome do lucro de alguns grupos econômicos estrangeiros ou brasileiros.

Para Eliete Paraguaçu (Ilha de Maré), uma das mulheres que atua no Movimen-

mangue". O "modelo de desenvolvimento" denunciado por Eliete, promovido pelo Estado brasileiro a mando e desmando de empresários e fazendeiros, tem permitido a degradação do meio ambiente através de mega-projetos de incentivo ao agro e hidronegócio (quando vastas faixas de terra e água ao invés de livres para uso da população, vira um negócio lucrativo para uns poucos), inclusive nas áreas de preservação permanente, como manguezais e matas ciliares.

Esta política do Estado tem causado violência física, psicológica, sexual e afirmado a discriminação

ponsáveis por 70% do pescado no país.

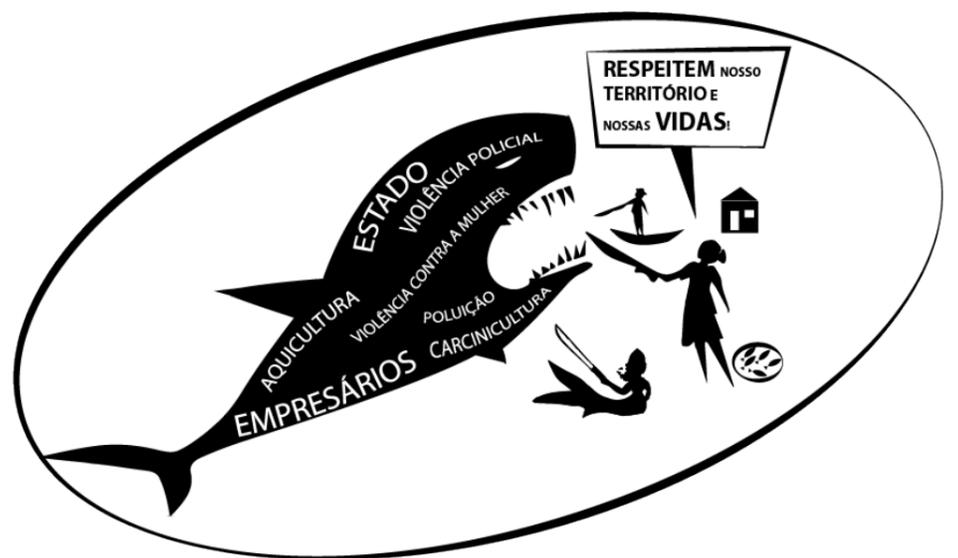
Como foi dito, a violência do estado não incide apenas no meio ambiente, e como sempre, o corpo e a vida das mulheres são os primeiros a serem violados. São frequentes os casos de que quando as comunidades são ameaçadas, elas são as primeiras a sofrerem as perseguições. Essas perseguições ocorrem através de abusos sexuais, estupro, ameaças, e até mesmo a partir do adoecimento do corpo das mulheres. Eliete afirma que quando ocorrem derramamentos de óleo, decorrentes dos

As mulheres pescadoras e marisqueiras querem continuar nas águas dos mares e dos manguezais, respeitando aquilo que a natureza pode oferecer, preservando a vida.

do seu ambiente natural, de seus modos de fazer, viver e criar tradicionais. As mulheres pescadoras e marisqueiras querem continuar nas águas dos rios, dos mares, dos manguezais e das lagoas, respeitando aquilo que a natureza pode oferecer, preservando a vida no ambiente, garantindo a alimentação de suas crianças e seu bem estar. Mulheres das águas têm o acúmulo necessário (fruto da experiência no enfrentamento da labuta de ser mulher, mãe, trabalhadora em casa e batalhadora da vida para garantir seu sustento) para denunciar e

to de Pescadores e Pescadoras Artesanais: "O manguezal, por exemplo, é o berçário. Com o manguezal é que paga conta de água, é que paga conta de luz, o manguezal tem uma importância fundamental na vida da mulher pescadora, a gente cuida dele sabendo que cuidando do manguezal os nossos filhos tem alimentação garantida e a sociedade vai ter marisco de qualidade."

Essa qualidade e soberania alimentar, de que nos fala Eliete, está ameaçada pelos ditames econômicos capitalistas, já que "(...) nestes últimos tempos, es-



racial e social, além de utilizar ameaças de morte para amedrontar e expulsar a comunidade de seu território. O modelo capitalista de "desenvolvimento" cede lugar a grandes empreendimentos que, em nome do progresso, dizimam inúmeras comunidades tradicionais do campo, das águas e das florestas. Como exemplo, no caso das águas, este problema afeta pelo menos 1,5 milhões de pescadores e pescadoras artesanais, que são res-

empreendimentos industriais locais, os corpos das mulheres marisqueiras ficam expostos e se contaminam. Além dos riscos de contaminação, ela relata que os corpos das mulheres pescadoras vem sendo abusados sexualmente porque quando as empresas se instalam no território trazem consigo "homens de fora" que trabalham por tempo determinado, e muitos desses homens, ao se depararem com áreas frequentadas apenas por mulheres,

O "modelo de desenvolvimento" promovido pelo Estado brasileiro a mando e desmando de empresários e fazendeiros, tem permitido a degradação do meio ambiente.

querer transformar o sistema em que vivemos que desapropria, marginaliza e

se modelo de desenvolvimento vem diferenciando e arrasando as áreas de

avançam e violam o corpo e vida destas mulheres justificando através de uma subjetividade machista. Outro caso contado por essa marisqueira são dos corpos encontrados por pescadores nas áreas de pesca. Esses corpos pertencem a mulheres trabalhadoras do sexo que são atirados dos navios em alto mar. Estes fatos trazem insegurança e dificultam o trabalho destas mulheres e influenciam diretamente nas suas subsistências.

No Quilombo Rio dos Macacos, uma das comunidades mais antigas de resistentes da escravidão, são públicas as falas das mulheres que sofreram estupro dos fuzileiros navais e outras violências como o espancamento, a tortura psicológica e o derrubamento de casas. Nas comunidades tradicionais, o ataque ao seu território significa também a invasão e a violência às mulheres.

Além das violências já apontadas, as mulheres moradoras de comunidades tradicionais não têm acesso às políticas públicas de saúde e educação. Apesar de compreendermos que as políticas sociais públicas não representam transformação na sociedade, estas são respostas que o Estado consegue dar à luta da classe trabalhadora, devendo portanto atender às necessidades desta classe ao invés de servir como mais um instrumento de violação das comunidades tradicionais. Em meio a esse contexto, Eliete questiona: Que modelo é esse que mata? Que modelo é esse que traz miséria? Ela mesma responde: "A in-

tenção [desse modelo] é exterminar, é esconder a nossa origem, a nossa cultura, os nossos saberes e sabores".

É, portanto, para combater esse modelo capitalista, racista, feminicida (que

Formamos a ANP porque nada do que a gente falava era considerado por ninguém que não fôssemos nós mesmas. A dificuldade que sentimos foi porque eram poucas mulheres, pois seus companheiros não as deixavam

ANP, para que nossas pautas se fortalecessem e fossem conquistadas".

As mulheres pescadoras atualmente se enfrentam com o Estado capitalista para garantir o direito de continuarem com seu modo de vida, através do território livre (que implica diretamente em autonomia financeira, moral, física e de seus corpos). Para os modelos de sociedade impostos pelos brancos-civilizados (capitalistas ou não), os modos de vida tradicionais são entraves para o desenvolvimento econômico brasileiro e precisam ser superados, assim as populações são dizimadas ou empurradas para as periferias das grandes cidades onde terão seu fazer, viver e criar destruídos.

Mesmo as comunidades tradicionais urbanas, como a Gamboa de Baixo, e a Chácara de Santo Antônio sofrem com esse movimento perverso civilizatório. Como afirma Eliete, "É uma pauta só: a vida das mulheres trabalhadoras do campo, das águas e das florestas estão ameaçadas por esse modelo que é perverso, que exclui, que assassina e que mata" e se o Estado considera as mulheres trabalhadoras tradicionais entraves para o desenvolvimento do país, afirmamos junto com Eliete, Maninha, Dona Joana e todas as mulheres que se organizam e lutam que "se entrave é garantia de território, a gente vai ser entrave" para defender não apenas o local de morada, mas também suas tradições afro-brasileiras, seu modo de vida e sua autoestima.



Na luta e na pesca mulheres construindo direitos!

mata sistematicamente mulheres) e todas as demais violações sofridas que as mulheres negras se organizam, a partir de princípios do cotidiano de solidariedade e o apoio mútuo. É nesse sentido que surge a Articulação

sair para passar vários dias fora de casa. E ainda porque muitas não conheciam seus direitos". Dona Joana, pescadora organizada da ANP complementa: "A ANP surgiu quando o governo federal convidou as mulheres pescadoras

"Que modelo é esse que mata? Que modelo é esse que traz miséria? A intenção é exterminar, é esconder a nossa origem, a nossa cultura, os nossos saberes e sabores".

Nacional de Pescadoras, segundo Maninha (pescadora organizada da ANP) "Vimos a necessidade de formar um grupo e nos fortalecer pela dificuldade de sempre estar indo de encontro em encontro.

do Brasil a participarem de um Congresso em Brasília para fazer discussões sobre a realidade das mulheres da pesca. Nós fizemos diversas propostas e nenhuma saiu do papel, por isso, resolvemos fundar a

"Se entrave é garantia de território, a gente vai ser entrave!"

PRA ONDE VAI A CRISE?

Cada vez mais se torna perceptível que aquele dinheiro que você ganha depois de um mês suado de trabalho mal dá pra pagar as contas. Depois de uma década de “avanço econômico” e daquilo que era noticiado como “aumento do poder de compra do trabalhador”, atualmente parece não ser tão real. Ora, nesse momento estamos vivenciando uma crise econômica no Brasil, e como sempre quem mais sofre com isso é o trabalhador.

funcionar como limpeza e segurança. E o efeito disso é que pessoas que deveriam ser pagas para realizar esses serviços estão sendo demitidas, geralmente sem a garantia dos devidos direitos trabalhistas.

Outro processo desencadeado pelo atual governo, e é um bom motivo pra preocupação, é a reforma trabalhista que ataca os benefícios conquistados pelos trabalhadores ao longo de anos. Entre eles estão o seguro-desempre-

ses, e passa a ser pago de forma proporcional aos dias trabalhados no ano. O auxílio-doença, que era concedido ao trabalhador que, por motivos de doença, tenha ficado mais de 15 dias afastado do trabalho e que recebia nesse tempo, tem que esperar agora 30 dias até ser pago.

Ainda temos também o problema relacionado à habitação, uma vez que um dos carros-chefes do governo é o programa “Minha Casa, Minha Vida”, e parece que o cenário não é muito bom para quem estava pensando em garantir uma casa. Uma vez que a segunda etapa do programa acabou, e embora a terceira etapa do programa tenha sido anunciada duas vezes (em junho do ano passado, e recentemente no discurso



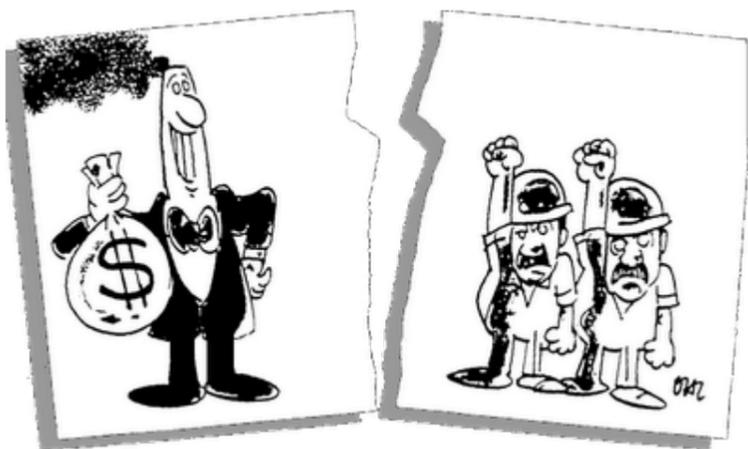
produtos uma vez que a maior parte do transporte de mercadorias no Brasil é feito por vias terrestres.

A nossa percepção é de que a crise no Brasil está dada, e que não há uma perspectiva positiva em longo prazo. Cada vez mais a situação revela a necessidade e o acirramento das lutas, e a necessidade do povo trabalhador reivindicar

Ora, nesse momento estamos vivenciando uma crise econômica no Brasil, e como sempre quem mais sofre com isso é o trabalhador.

Tudo isso vem acontecendo em virtude da “política de austeridade” que o governo brasileiro vem adotando, cortando verba de serviços públicos, como forma de continuar fazendo com que os empresários não percam dinheiro e continuem lucrando. Pra quem não sabe, grande parcela das verbas que

eram destinadas para a educação e saúde foi cortada, só para a educação a redução mensal foi de 1,9 bilhões de reais, e tem feito com que vários serviços essenciais nas universidades deixem de



eram destinadas para a educação e saúde foi cortada, só para a educação a redução mensal foi de 1,9 bilhões de reais, e tem feito com que vários serviços essenciais nas universidades deixem de

abono salarial que antes era concedido para a pessoa que trabalhou no mínimo de 30 dias no ano recebendo até dois salários mínimos, agora só poderá ser solicitado depois de um prazo de seis me-

Não queremos migalhas! Queremos tudo que nós temos direito!

de posse da presidenta), não há previsões de que se realize tão cedo, já que o Ministério das Cidades que é responsável pelo programa foi o segundo ministério (atrás somente do Ministério da Educação) a sofrer cortes na verba. E pra se somar a tudo isso ainda temos o aumento de impostos que tem colocado a inflação lá no alto. Nos últimos meses a gasolina e o óleo diesel tiveram um reajuste de em torno de 8,42% e a energia elétrica 3,14%, e isso tem tornado alguns produtos mais caros, principalmente por causa da gasolina e combustíveis que influenciam diretamente no preço de outros

seus direitos contra os empresários e o Estado que nos oprimem, e nós anarquistas como trabalhadores, estudantes, idosos e desempregados estamos pronto para a luta! Não queremos migalhas! Queremos tudo que nós temos direito!



QUEM SÃO OS DONOS DA FESTA?

Algumas das coisas mais interessantes da cidade do Salvador são as festas de largo e as festas populares em geral. Lavagem do Bonfim, festa de iemanjá, carnaval e muitas outras festas de rua fazem parte da cultura soteropolitana. Atualmente, vemos que muitas dessas manifestações culturais se transformaram ou estão se transformando em algo diferente de suas origens, se distanciando do seu caráter popular, se tornando cada vez mais elitistas e segregando as pessoas pobres cada vez mais. As festas não são mais do povo para o povo, são feitas pelas grandes empresas para a classe média e os turistas.

Não é necessário ser muito velho para se lembrar da época em que as festas de rua de Salvador eram realmente populares. Tais eventos faziam as pessoas ocupar as ruas com manifestações culturais sagradas e profanas onde a população, sobretudo, mais pobre era peça fundamental. Atualmente, após certas mudanças, muitas festas de rua estão cada vez mais “brancas” e estrangeiras.

Não é de hoje que as cordas dos blocos de carnaval separam a população. Porém, o isolamento da corda já não é mais suficiente para segregar as pessoas, e a burguesia, para se sentir diferente, investe em camarotes. O problema é que com essa migração da corda pro camarote, não restou quem financie o desfile dos trios. Por isso, esse elitismo fez a indústria do carnaval perder força, e hoje já se fala em uma crise nesse setor. Uma possível saída dessa crise seria apostar em blocos sem cordas financiados por patrocínios, pela prefeitura e

pelo governo do Estado. Essa tendência já vem sendo praticada e foi um dos diferenciais do carnaval deste ano. A festa estaria voltando a ser popular. Mas será que é isso mesmo que está acontecendo?



Uma das características mais marcantes da gestão de ACM Neto é a sua especial atenção às festas populares. Mas devemos pensar como é dada essa atenção. As festas de rua de Salvador deixaram de ser populares, com por-

O argumento que geralmente é usado pra justificar esse tipo de elitismo é a questão da segurança. Seria necessário cercar o espaço e enchê-lo de policiais porque a sociedade é violenta e as pessoas são

mal educadas. Porém, o que ocorre na realidade é que a violência muitas vezes brota da própria polícia que é militarizada, que é preparada pra guerra e não pra lidar com pessoas. Enquanto isso, a empresa cervejeira que puder arre-

As festas não são mais do povo para o povo, são feitas pelas grandes empresas para a classe média e os turistas.

tões de acessos, proibição do livre trânsito de comerciantes, exclusividade para empresas de cerveja, e sobretudo, extrema vigilância e truculência policial. O cidadão se torna consumidor, a pessoa já não pode mais andar livremente pela rua, existem portões e grades que delimitam o espaço que é controlado e vigiado. Por enquanto o carnaval ainda não é uma “festa fechada”, ainda não possui grades e portões, mas tal alternativa já é pensada e pode se tornar real no próximo ano.

matar a festa, lucra milhões através das revistas de “segurança” que impedem que a pessoa entre com outra bebida no local. A justificativa da preocupação com a segurança sempre esteve ligada à criação de mecanismos de controle. Sempre que há um problema com violência ou algo do tipo, a solução sempre aparece através de mais vigilância e mais punição. Mas será que essas são soluções válidas?

O que se percebe na prática é que de tais medidas

de proteção ocorrem duas coisas. Primeiramente, as ações de segurança visam um tipo específico de pessoas. A nossa sociedade é racista, e a nossa polícia também. As abordagens à pessoas negras e que aparentem ser de bairros pobres são desumanas. A lógica se inverte e em vez de ser “inocente até que se prove o contrário” essas pessoas são “culpadas até que se prove o contrário”, e essa prova é sempre muito invasiva e humilhante. Por fim, a cidade privatiza seus espaços para as empresas patrocinadoras dos eventos. Assim como foi durante os eventos da copa do mundo, as festas populares estão se tornando festas de empresas privadas, que monopolizam a distribuição de bebidas e até de comidas. O problema disso não é simplesmente que as pessoas não vão poder degustar sua marca de cerveja preferida, mas sim que muitos trabalhadores ambulantes são impedidos de trabalhar, ou devem se sujeitar à padronização da festa.

Dessa forma, o que acontece é que, em nome da “segurança” e do patrocínio, a prefeitura vem privatizando espaços e festas que deveriam ser populares. Com o espaço cercado, vigilância e cerceamento da liberdade, as festas deixam de ser populares, deixam de ser do povo e passam a ser das grandes empresas. A energia que cria e mantém as festas de rua está desaparecendo cada vez mais por conta dessas ações. Os donos da festa deixam de ser as pessoas, e passam a ser as empresas que alugam o espaço público para gerenciá-lo como bem entender.

A CRISE HÍDRICA EM SALVADOR

DA DITADURA MILITAR AO GOVERNO DILMA, LAVAM O JATO COM A NOSSA ÁGUA!

Você provavelmente já passou pelo desprazer de ficar um dia sem água, com panelas e baldes cheios por todos os lados. Na hora do banho, tem que se contentar com aquela cuiazinha que mal lava e para beber, só gastando dinheiro com água mineral. Passar alguns dias assim dá até para aguentar, mas imagine viver o dia-a-dia com a falta d'água, tendo o seu registro fechado ou sendo multado caso precise colocar mais água no feijão. Esta é uma realidade que se aproxima do povo baiano.

Na cidade de Itu, em São Paulo, por exemplo, faltou água durante três meses! Alguns moradores se deslocavam por 70 km para a cidade vizinha para tomar banho na casa de parentes. Outros acumulavam fezes no sanitário durante uma semana para economizar descargas. O acúmulo de água em baldes proporcionou também um alastramento da dengue, causando um transtorno para a saúde pública, principalmente para a população mais pobre. Mas o que será que está causando esta falta de água? A causa da crise hídrica não é uma só. Há vários fatores que influenciam a disponi-

O ideal para o abastecimento de uma cidade seria que a água fosse retirada de diferentes fontes.

bilidade de água, como o mau planejamento do sistema de abastecimento, o uso abusivo da água para a irrigação de grandes plantações e o desmatamento das florestas, por



exemplo. Veremos que estes fatores estão ligados a como o Estado brasileiro vandaliza a população e a natureza.

A maior parte da água que abastece nossas casas (quase 70%) vem de um único rio, o Paraguaçu. Antes de chegar até o mar, ele é interrompido pela barragem de Pedra do Cavalão, que foi construída pela empresa Odebrecht (envolvida no escândalo da lava-jato) durante a ditadura militar, sem a consulta aos quilombolas, pescadores e marisqueiras do recôncavo, sem consulta à população da região metropolitana de Salvador, que continua sem o poder de decidir a melhor forma de abastecimento de água de sua própria ci-

da pela falta d'água. Quando no mês de abril, o Consórcio CCR - formado pelas empresas Andrade Gutierrez, Camargo Correa

tecimento são deixados de lado, sujeitos a quaisquer agressões ambientais. Aqui em Salvador, a EM-BASA utilizava antigamen-

O Estado brasileiro estrutura a distribuição de água de forma centralizada, criando projetos de grandes barragens para favorecer grandes empresas.

e Soares Penido (também envolvidas na lava-jato) - estourou uma adutora de abastecimento na BR-324 com a lentíssima obra do metrô, mais de 30 bairros da cidade padeceram por dias sem água. Bravamente, alguns bairros saíram às ruas em protesto, bloqueando pistas, queimando pneus e exigindo a reparação dos prejuízos.

O ideal para o abastecimento de uma cidade seria que a água fosse retirada de diferentes fontes, de maneira equilibrada e bem administrada, para não prejudicar a saúde ambiental destes rios e garantir segurança hídrica para a população. Mas os outros rios que poderiam ser utilizados para o abas-

te os rios Ipitanga I, II e III, que passam pela BR-324 e Valéria, para abastecimento da cidade, mas a contaminação pesada gerada pelo CIA (Complexo Industrial de Aratu) tornou impróprio o uso desta água para a cidade. O Rio Joanes que já foi importantíssimo para o abastecimento de parte de Salvador e de Lauro de Freitas, transformou-se num mar de lixos e contaminantes da indústria Petroquímica. Aliás, você conhece algum rio em sua cidade que não esteja podre ou que não tenha sido aterrado e concretado desde suas nascentes? Não é à toa que quando chove em Salvador, ficamos inundados, pois a chuva fica retida no con-

creto. O Estado brasileiro estrutura a distribuição de água de forma centralizada, criando projetos de grandes barragens para favorecer grandes empresas (essas mesmas da lava-jato), permite que os demais rios virem esgotos, rios mortos. Ele persegue e marginaliza as populações que dependem da pesca artesanal, de um rio realmente vivo e pouco se importam se faltará ou não água em sua casa... E o que o Estado brasileiro tem feito para reverter esta situação? Nada!

A política de abastecimento de Salvador continua centrada em Pedra do Cavallo, onde funciona também uma hidrelétrica operada pela VOTORANTIM sem as licenças ambientais. Desta forma, as grandes empresas e o próprio Estado continuam sugando rios de água e de dinheiro, comprometendo a segurança hídrica e o meio ambiente. Outro grande problema é que todo rio depende do regime de chuvas para manter sua vazão d'água, e grande parte das chuvas vem também das florestas. Uma grande árvore pode produzir até 1.000 litros de água por dia em forma de vapor, que formarão nuvens e chuvas. Cinco árvores dessas, por exemplo, poderiam encher um carro pipa de água por dia! Mas a região do Rio Paraguaçu é dominada por grandes fazendeiros, que desmataram as florestas desde o período da escravidão para grandes plantações ou criações de gado. Com o corte desta floresta, a umidade que formaria chuvas para encher o Paraguaçu fica reduzida, diminuindo o potencial do rio. O desmatamento da vegetação que fica nas margens tira também a proteção dos barrancos, fazendo com que uma grande quantidade de terra caia dentro do rio, tornando-o cada vez mais raso e com menos

água. O agronegócio também retira do rio toneladas de águas por dia para uso na irrigação. Estima-

Enquanto os fazendeiros gastam nossas águas e florestas para enriquecer, o Estado dirá que nós somos os culpados.

se hoje que 70% da água utilizada no país é destinada para o agronegócio. Estas plantações são responsáveis por quase todo o desperdício de água no país. E novamente nos perguntamos: qual foi a postura do Estado diante de tudo isto? O Estado ajuda as grandes empresas a dominarem o mercado da água e das grandes obras, como também ajuda o agronegócio a lucrar pagando valores baixíssimos pela água que consome. Enquanto você paga caro para a EMBASA um valor por metro cúbico

na verdade, a maior parte dos alimentos que chegam à nossa mesa é produzida por pequenos agricultores

rurais, que realizam seus plantios e colheitas de forma familiar ou comunitária, agricultores que normalmente são marginalizados pelas políticas públicas do Estado. E a riqueza gerada nas fazendas, certamente correrá para um bolso que não é o nosso.

O benefício que o governo dá para esses fazendeiros não para por aí: quando a própria lei prejudica o agronegócio, o governo simplesmente altera a lei para favorecê-los. O governo alterou, por exem-

te rio para enriquecer a mesma empresa corrupta que construiu Pedra do Cavallo: a Odebrecht. O baiano que está atento consegue perceber que não é o uso doméstico da água que é o responsável pela crise hídrica. Pouco mais de 10% da água utilizada no Brasil é para uso doméstico. Enquanto os fazendeiros gastam nossas águas e florestas para enriquecer (destruindo também povos indígenas e quilombolas), o Estado dirá que nós somos os culpados. Mandará reduzir o tempo do nosso banho, cortará a água de nossas casas e aumentará a nossa conta de água para enriquecer a EMBASA, nos deixando numa situação cada vez mais deplorável. Mas por que o Estado apoia as empresas e os donos de fazendas, deixando a população à míngua?

O baiano que tomou aquele café preto sem açúcar, certamente estará ligado na resposta. O Estado, o maior vândalo da história, precisa do dinheiro destas grandes empreiteiras, como Odebrecht, OAS, Camargo Correa, Andrade Gutierrez, Votorantim, Soares Penido e também dos grandes fazendeiros do agronegócio (que dominam o Senado), para financiarem suas campanhas partidárias. Não é à toa que são estas mesmas empresas que estão envolvidas nos maiores esquemas de corrupção do país. A história da água em Salvador esta aí para nos mostrar que seja com partido de direita ou de esquerda, seja com um Estado dito democrático ou mesmo com um Estado militar, nós ficaremos sempre por baixo, para que sejam privilegiados aqueles que bancam os partidos e o governo. Portanto, não fique de trouxa acreditando em partidos ou no Estado. Só há uma saída. Organize-se e lute!



de água, o governo vende a água para os grandes fazendeiros a um valor de até 40 vezes menor. Mas o governo fará muita propaganda para justificar esta cobrança tão barata. Eles dirão que são eles, os fazendeiros, os responsáveis por trazer alimento à sua mesa, desenvolvimento econômico, emprego e riquezas para o país. Mas

plô, o Código Florestal para permitir mais áreas a serem desmatadas e perder os antigos crimes dos coronéis desmatadores. E, para piorar, usando a desculpa de que estão tentando resolver a falta d'água, inventam a necessidade de fazer outras grandes obras, como a transposição do Rio São Francisco, que matará este importan-

O SINDICATO SOMOS NÓS!

Não, o sindicato não significa apenas um desconto anual no seu contra cheque ou não é apenas o lugar onde você deve ir homologar quando amarraram sua lata, isto é, quando você é demitido. O sindicato não é só um diretor sindical, que está sentado em uma mesa há 30 anos, decidindo quais são suas reivindicações sem ao menos consultar você e às suas companheiras e companheiros de trabalho. O sindicato não se resume a este diretor que aperta a mão do

patrão quando lhe é conveniente ou que lhe diz que fazer greve é muito complicado. Então, o que seria esse tal sindicato? E eu lhes respondo: o sindicato somos nós!

O sindicato é a principal arma de defesa do trabalhador contra a exploração do patrão. Ao longo do tempo, a classe trabalhadora construiu importantes organizações de luta. Primeiro, surgiram às caixas de ajuda mútua nos séculos 18 e 19, que tinham por finalidade fo-

mentar obras assistenciais de ajuda financeira entre trabalhadores, nos problemas de saúde, acidentes, dentre outros. Estas foram às primeiras formas de or-

sem quase nenhum ganho efetivo para a classe. Além disto, ainda de maneira totalmente arbitrária, o sindicato desrespeitou o que em as-

O sindicato é a principal arma de defesa do trabalhador contra a exploração do patrão.

ganização da classe trabalhadora. E foi a partir destas Caixas, começaram a surgir os primeiros sindicatos.

O objetivo dos sindicatos é preservar as conquistas obtidas pela união das trabalhadoras e dos trabalhadores e organizar a luta para outras vitórias. Devemos entender que não existe sindicato sem os trabalhadores. Um sindicato forte significa trabalhadores unidos, um sindicato combativo, significa que a união dos trabalhadores está se fazendo ser ouvida, independente de dire-

sembleia foi pedido pelos trabalhadores. A base dos rodoviários revoltada com essa atitude, de maneira legítima, resolve passar por cima do que foi dito pela direção e decreta greve, optando em continuar pressionando as empresa e lutando por um acordo que atendessem de forma mais real suas urgência.

Esta revolta dos trabalhadores rodoviários mostra que há uma nova disposição para as lutas. Em Salvador, como em outras cidades, os trabalhadores se mostram capazes de

Devemos entender que não existe sindicato sem os trabalhadores. Um sindicato forte significa trabalhadores unidos.

tores oportunistas que estão sempre atrelados a interesses políticos distantes de nossas posições enquanto trabalhadores. Para ilustrar isso de maneira mais concreta, em maio de 2014 durante a greve dos rodoviários, que parou Salvador por alguns dias, a direção do sindicato dos rodoviários sentou para negociar como os patrões, e fechou um acordo péssimo para a categoria,

organizar suas próprias lutas para além das burocracias sindicais. E se somos capazes de organizar a nossa própria luta, também seremos capazes de organizar todo o sistema produtivo.

A organização livre dos trabalhadores sempre foi algo temido. Por isso, visando engessar a combatividade dos sindicatos livres, o Estado, no início



do século 20, sentiu a necessidade de criar uma legislação que subordinasse as lutas dos trabalhadores aos regulamentos do governo. E então, ao passo que os sindicatos começavam a ser regulamentados, começava também o agravamento da sua burocracia e hierarquização, surgindo então uma casta privilegiada de líderes e dirigentes que parasitam até hoje as organizações sindicais em seu próprio benefício, e usam a estrutura desses sindicatos para defender e promover seus partidos políticos, e transformando as bases sindicais em verdadeiros currais eleitorais. Esta classe, teoricamente utiliza uma linguagem de reivindicações, de defesa da classe trabalhadora, mas ficam apenas no discurso, pois na prática não organi-

zam a categoria e não encaminham as lutas consequentes. Quando encaminham, são por meros interesses eleitoreiros, ou por serem pautas ligadas ao alinhamento com seus partidos políticos, esque-

reconstruir uma alternativa sindical autônoma, que expulse, pela força da união dos trabalhadores, os pelegos dos sindicatos e acabe com a estrutura que atrela o sindicato ao governo! Precisamos defen-

o protagonismo de nossas lutas, pois é pelo acúmulo de nossas forças e pelo poder de nossas mobilizações que podemos enfrentar os patrões, e seus jogos de poder, inclusive as injustas decisões judiciais a serviço deles e do governo. É pela nossa força coletiva que podemos alcançar as vitórias que almejamos. Não podemos perder nosso desejo de mudança! Que cada luta, cada piquete, cada greve, com suas derrotas e suas vitórias, possam fortalecer a ideia que um mundo novo é possível. Um mundo onde o suor de nossa testa não banque a festa dos ricos, onde nosso grito abafado finalmente ecoe como rugido estrondoso de liberdade.

Que cada piquete, cada greve, com suas derrotas e suas vitórias, possam fortalecer a ideia de que um mundo novo é possível.

cendo totalmente as nossas urgências e as nossas pautas de reivindicações.

Isso só mostra como não podemos esperar nada das direções sindicais atrasadas e seus dirigentes oportunistas, sempre atrelados aos patrões e aos políticos! Precisamos

der um sindicalismo de base, onde o sindicato é resultado das decisões do conjunto da categoria e não de burocratas que estão totalmente descolados de nossa realidade e que não estão nem um pouco preocupados com nossas melhorias de condições de trabalhos. Devemos tomar

Sob o Céu do utopia

*Sobre nós brilhava um estalo!
Sobre nós brilhava o que por frente brilhava
Sobre nós soprava o vento da revolta
E para mim apontava abrigo*

*Sobre nós emergia o Horizonte vivo!
E a Utopia nos guiava*

*E surgíamos!
Não em bronze ou prata
Não em imagem santa ou oca
Mas em carne e vida
Em alma e sangue*

*E marcharemos ao mesmo destino de liberdade
E o novo mundo se erguerá de nossas conquistas.*



CHACINA NO CABULA

Foram mais 12 meninos mortos na chacina do Cabula, e não podemos esperar do Estado e dos ricos nenhuma compaixão. Nesta primeira edição do "Colé de merma?", enquanto o Governador Rui Costa dizia as macabras palavras de que o policial era como um artilheiro em frente a um gol, demonstrando total desprezo com as vidas ceifadas no Cabula, fomos dar vozes às ruas, àqueles e àqueles que sentem no cotidiano o peso da repressão e do preconceito.

Entrevistamos grafiteiros, poetas, produtores musicais e professores

para tentarmos entender o que está por trás do assassinato destes jovens negros e como a rotina da violência policial em Salvador afeta a arte dos grafiteiros e poetas das periferias.

No dia 26 de fevereiro deste ano, a equipe do Café Preto compareceu na audiência pública sobre o genocídio no Cabula e as ações da RONDESP, e conseguimos em primeira mão uma entrevista com a professora Ametista Nunes. Quando perguntamos se há interesse real do Estado em resolver o genocídio contra o povo negro, a

professora nos respondeu:

"Em hipótese alguma. Nós vivemos em um Estado eminentemente capitalista. Como nós sabemos, o projeto básico do capitalista é a luta do homem contra o próprio homem, ser humano. E estas leis são gestadas pelo capitalismo para proteger exatamente toda essa situação pública de um Estado, enquanto instituição, que não tem compromisso com a classe pobre, nem com os negros, nem com as mulheres." (Ametista Nunes)

Para entender melhor

como pensava a população do Cabula, fomos encontrar no próprio bairro os artistas Zezé Olukemi e Dennissen. Sentamos em uma mesa de bar, numa rua tranquila do Cabula 1, e começamos a entrevista. Enquanto proseávamos sobre como a periferia é obrigada a conviver com essa violência todos os dias, o que acabou tornando este problema como algo "comum", apesar de não menos importante para a comunidade, perguntamos aos dois:

Como é que essa chacina afetou o cotidiano local?

"Cara, a grande mudança que eu to vendo é que a comunidade tem tomado atitude diante disso. No mesmo dia que teve a manifestação aqui (Cabula 1), eu entrei lá na Engomadeira, eu tenho várias fotos aqui, e em todas as ruas tinham cartazes espalhados feitos

a mão pela comunidade. Eles saíram com 10 a 15 faixas e todas as faixas penduradas na entrada da rua onde eles tinham falecido. Infelizmente, tinha um primo meu e nove conhecidos. E sendo que segundo as investigações somente dois tinham algum tipo de

envolvimento, e nada justifica né? Afinal de contas, a gente dialoga do ponto de vista dos direitos humanos, o Artigo 5º da Constituição, que diz que todos nós temos direito à vida."

(Zezé Olukemi)



"Então, tá no dia a dia. Caiu no comum, né? Mas para mim não. Eu acredito na inclusão social. Eu acredito que todo jovem deve ter sua oportunidade. Mas só que nós vivemos em um sistema em que a polícia é o braço direito do governo. Para mim isso é genocídio, eles são

genocidas. Já fui abordado duas vezes na Engomadeira de forma, assim, que mexeu muito comigo. Duas vezes... E na segunda, por exemplo, o cara me abordou, me encostou no carro, colocou a mão nos meus bolsos, na minha calça e disse: "Eu só tenho uma pergunta para você. Cadê

a droga?". E eu respondi "mas eu não sou usuário". E ele falou "Hahaha, não é usuário... então está fazendo o que aqui?". E eu respondi "Cara, eu tenho amigos aqui". Então, assim, a repressão, e o constrangimento, sabe?"

(Dennissen)



24h de grafite com Zezé Olukemi e outros grafiteiros na Ladeira da Preguiça.

Porque a morte preenche também os muros do grafite? Os artistas não deveriam estar preocupados em pintar esperança para a periferia?

"Eu comecei a refletir, poxa, a gente tenta buscar o mundo lá fora, tenta buscar uma esperança lá fora com as pessoas que estão no poder e que dizem querer nos dar o poder. Mas eles sempre estão botando uma burocracia a mais, sempre estão fechando mais uma porta. Então



vamos fazer pela gente. Eu comecei a entender o mundo dos rapazes (da periferia). Eles precisavam ter uma forma de ganhar e a única forma que eles acharam era essa. Porque como o "Racionais" fala "você vai correr atrás da realidade, mas qual a realidade? A que está mais próxima de você". É

"Esperança para mim nesse sentido ela soa como... e olha que eu sou poeta, ela soa com uma emotividade estranha, é muito sensível. Cai com uma emotividade que, do meu ponto de vista, ela estagna. Esperança, na minha cabeça agora cai

por isso que as vezes os meninos estouram a violência nas suas artes, porque é a realidade que está mais próxima da gente. Para que o outro jovem, o outro amigo, não venha a cair dessa forma também."

(Udison Santos)

como um esperar que as coisas aconteçam. Que as coisas melhorem. Ele tem falado em ação, eu acredito na autogestão, eu acredito na sustentabilidade. E quem acredita na autogestão e na sustentabilidade, você tem que ter esperança



pelo que você constrói. Se você não constrói e espera que aquele que te oprime construa melhorias para a sua vida, isso não é esperança, cara."

(Zezé Olukemi)



Grafite do artista Denissena em tela do Cabula.

Há uma perseguição policial aos grafiteiros, aos artistas de rua?

Então para pensar a arte de resistência o mais importante é o artista saber para quem está falando. Os nossos grafiteiros falam para os jovens negros e negras da periferia, que são seus amigos, irmãos e irmãs. Mas contra toda resistência há uma retaliação por parte do Estado. Perguntamos:

"Sim. Falo sempre em sabedoria. A sabedoria do grafite está em passar uma mensagem política e de resistência, mas de forma simbólica e subjetiva. Desse jeito, usando a linguagem e os

símbolos certos, os símbolos da gente, a gente dialoga com o público específico que a gente quer, passa a nossa mensagem, para nossos vizinhos da comunidade, sem ser entendido direito

por quem nos persegue. A gente precisa se comunicar, dialogar de forma engajada, mas também se proteger, né?"

(Denissena)

Pensando nos jovens negros, mandem uma mensagem para o nosso leitor. Colé de merma?

“O primeiro manifesto é da alma, logo depois agir com sabedoria. Só haverá uma transformação maior e eficaz quando o povo estiver politizado e lutar pelo seus direitos.

Importante ir pra rua, dialogar e explorar as verdadeiras mídias. Lamentável aceitar que a juventude morra todos os dias. A maior arma é o conhecimento. A arte por

exemplo, transforma e revoluciona. Enquanto a educação não for prioridade, a opressão não terá fim.”

(Denissena)



“Bom o meu recado é o seguinte: tem aquilo de não desista de seus sonhos. Uma das pessoas que usava aquela frase, o Marcos Garvei, 'o céu é o limite' e ele é o limite mesmo. Você pode fazer tudo o que você quiser. Então isso de o céu é o limite, para ser falado em 1914, 1915... Há muito pouco tempo antes a terra era quadrada. Então quer

dizer que tem uma coisa aí que é infinita, né? Então pensar na arte nesse sentido, e a arte de resistência, a arte de incentivo à resistência, que é a arte que eu me proponho a fazer, é justamente essa. Não é a arte do acomode-se, não é a arte do cale-se, é a arte do reaja. E aí reaja por todos os meios que te mantenha vivo e que

mantenha a sua comunidade viva. Se for pelo meio educacional, vamos dialogar sobre educação. Se for pelo meio cultural, vamos dialogar sobre cultura. Se for pelo meio armado, vamos dialogar sobre isso? Vamos conversar ao menos sobre isso?”

(Zezé Olukemi)

Depois de segundos eternos de silêncio e reflexões, em meio a tantas pessoas de bem, jovens, adultos e idosos perambulando atentos e apreensivos em plena luz do dia no Cabula, encerramos nossas entrevistas com um único desejo em nossos corações:

VIDA LONGA AOS ARTISTAS DE LVA!

SAIBA MAIS!

No dia **06 de fevereiro de 2015**, 12 jovens da Vila Moisés, Cabula, foram mortos pela RONDESP, a tropa de operações especiais da Polícia Militar da Bahia. No relato da RONDESP está descrita uma suposta troca de tiros. A polícia alegou que foi necessário matá-los para garantir a segurança e a vida dos agentes da RONDESP, usando de um regulamento criado no período da Ditadura Militar para justificar o corrido como “resistência seguida de morte”, ou “auto de resistência”.

No dia **18 de maio de 2015**, o Ministério Público da Bahia (MP-BA), após uma série de análises e de reivindicações de movimentos organizados, denunciou os nove policiais envolvidos na chacina, demonstrando que nos corpos das vítimas havia sinais de lesões típicas de quem tentou resistir a imobilizações. Segundo o MP-BA, os locais atingidos pela maioria dos tiros da RONDESP indicavam também que as vítimas estavam em posição inferior em relação ao atirador, evidenciando que os jovens estavam dominados e em posição de

execução. Diversas testemunhas da Vila Moisés confirmam que os jovens foram torturados e executados. Foram contabilizados oitenta e oito tiros nos 12 corpos.

O comandante da ação foi o subtenente Júlio César Lopes Pitta, que já respondia processo judicial pela execução de cinco pessoas numa ação da polícia militar ocorrida em 2009. A versão do inquérito do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) da Polícia Civil, também instaurado no dia 18 de maio, nega as acusações do Ministério Público e nega o depoimento das testemunhas.

Em entrevistas da equipe do Café Preto, recebemos diversos relatos da presença ostensiva e violenta da RONDESP no bairro do Cabula após o dia da Chacina. Nas abordagens, a Polícia Militar, encapuzada e fortemente armada, pedia o silêncio da comunidade sobre o caso.

Todos os 12 jovens mortos eram negros e moradores locais. As

vítimas tinham nomes: Caique Bastos dos Santos, 16 anos; Natanael de Jesus Costa, 17; Rodrigo Martins de Oliveira, 18; Tiago Gomes das Virgens, 19; Bruno Pires do Nascimento, 20; Agenor Vitalino dos Santos Neto, 20; Vitor Amorim de Araujo, 20; João Luis Pereira Rodrigues, 21; Adriano Souza Guimarães, 22; Jefferson Pereira dos Santos, 23; Evson Pereira dos Santos, 26; Ricardo vilas Boas Silva, 27. Apenas um possuía ocorrência policial por envolver-se numa briga nos carnavais de 2010 e 2011.

No Brasil, em cerca de 60% (Execuções Sumárias no Brasil, 1997-2003) dos casos de “auto de resistência” revisados são constatadas execuções sumárias, sendo a maioria de jovens de cerca de 20 anos, homens, negros e de bairros periféricos. Das polícias militares, **a Bahia é um dos primeiros estados no ranking da que mais mata, sendo a RONDESP a maior envolvida em suspeitas de execuções ou desaparecimentos forçados.** O caso ainda segue sem decisão judicial.



CAFÉ BOM É CAFÉ FORTE!

Café preto. Forte, pelando e sem açúcar. Aquele que vai te fazer levantar, mesmo quebrado, para mais um dia de pauleira. Aquele que vai te esquentar quando o tempo fecha e você ainda tem que acordar às 5 horas. Aquele que vai segurar as pontas quando você tem que pegar hora extra no trampo. Aquele que vai te acordar mesmo depois de uma longa noite mal dormida. E é como uma noite mal

comunicação, a Bahia é sempre linda, meu rei! É tanta gente correndo, pulando, sorrindo e comendo acarajé que às vezes parece que as coisas aqui não estão tão ruins assim. É uma pena que a ilusão só dura até você colocar o pé para fora de casa (ou nem isso). Na falta de tanta coisa básica para uma vida digna, falta também vergonha na cara dessa mídia que não se dá minimamente o trabalho

dos que estão no poder. Só se defende o ponto de vista de quem está no poder. Só se debate os

O Café Preto é um jornal que vem para falar aquilo que todo mundo tá vendo, mas que a imprensa faz

Um jornal para dar voz àqueles que já ficaram roucos de gritar para o vazio!

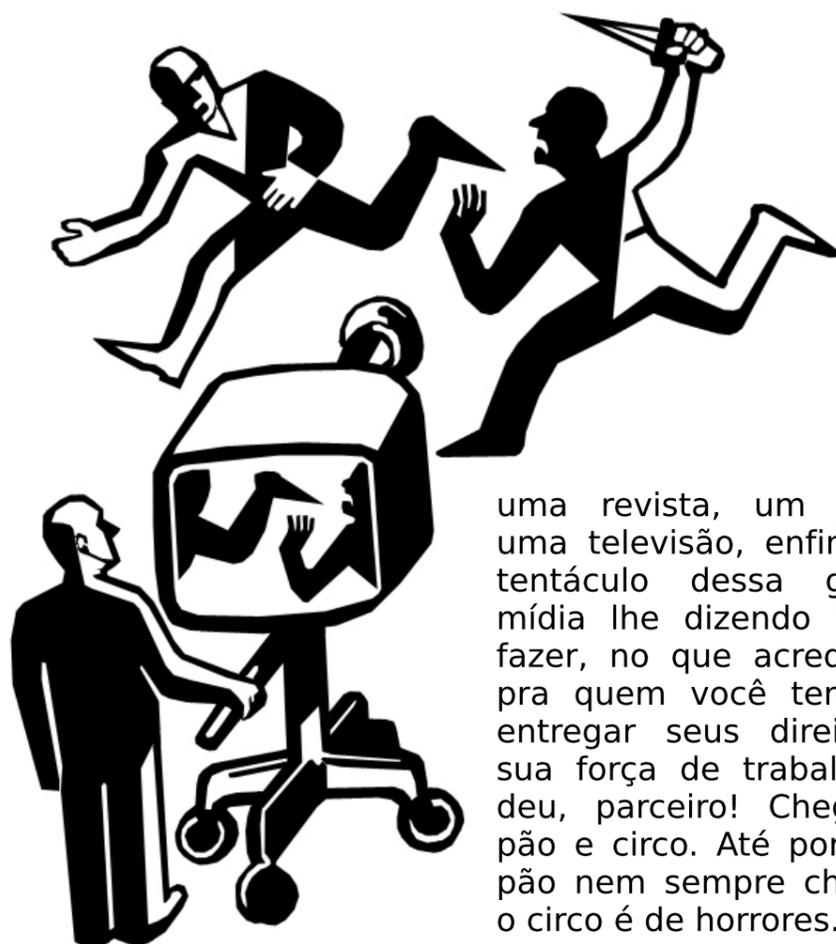
O problema é que pelo jeito só tem dado para os que estão nos gabinetes, nas coberturas, nas novelas e nas propagandas políticas.

dormida que tem sido a vida dos baianos nessa terra bonita onde de tudo dá. O problema é que pelo jeito só tem dado para os que estão nos gabinetes, nas coberturas, nas novelas, nos camarotes e nas propagandas políticas. Se você não foi devidamente recepcionado ainda, seja bem-vindo à Bahia. Quarto estado mais populoso do Brasil. Condições terríveis de saneamento básico. Transporte cada vez mais caro, escasso e lotado. Escolas sem carteira e sem giz. Hospitais caindo aos pedaços. Falta trabalho, falta casa, falta alimento, em breve faltará água. Falta de tudo. A cena é triste e é uma cena que quem mora aqui infelizmente já se acostumou a ver. Ver na real, mas não na televisão ou no jornal.

de esconder a sua postura opressiva e o seu papel alienador. Só se noticia a morte, a alegria, os direitos e os problemas

interesses de quem está no poder. Poder. É e sempre foi a palavra de ordem dela. Vivemos em um novo estilo de censura instaurado. É censura por ofuscação. Eles não precisam mais te proibir de falar a verdade, eles simplesmente bombardeiam a verdade deles 1000 vezes mais alto, 24 por 7, usando de todo o seu controle das vias de comunicação. Você grita e esperneia o quanto pode, mas ninguém consegue te escutar. Para todo o lado que você corre, vai ter um outdoor,

questão de fazer de conta que não existe. Um jornal pra dar voz àqueles que já ficaram roucos de gritar pro vazio. Um jornal pra informar as pessoas das coisas que estão acontecendo e realmente influenciando as suas vidas. Feito pra bater de frente com uma mídia elitizada, sensacionalista e manipuladora que a cada matéria idiotiza a população e enfraquece a nossa força de organização. Pra mostrar que a gente pode construir a nossa própria realidade sem depender da caridade deles. Pra dar destaque a quem vive esquecido da sociedade. Pra compartilhar ações e estratégias de fortalecimento das pessoas que deram certo em outros lugares. Pra lembrar ao povo baiano do sangue quente que corre nas suas veias e do seu espírito guerreiro que não abaixa a cabeça pra ninguém.

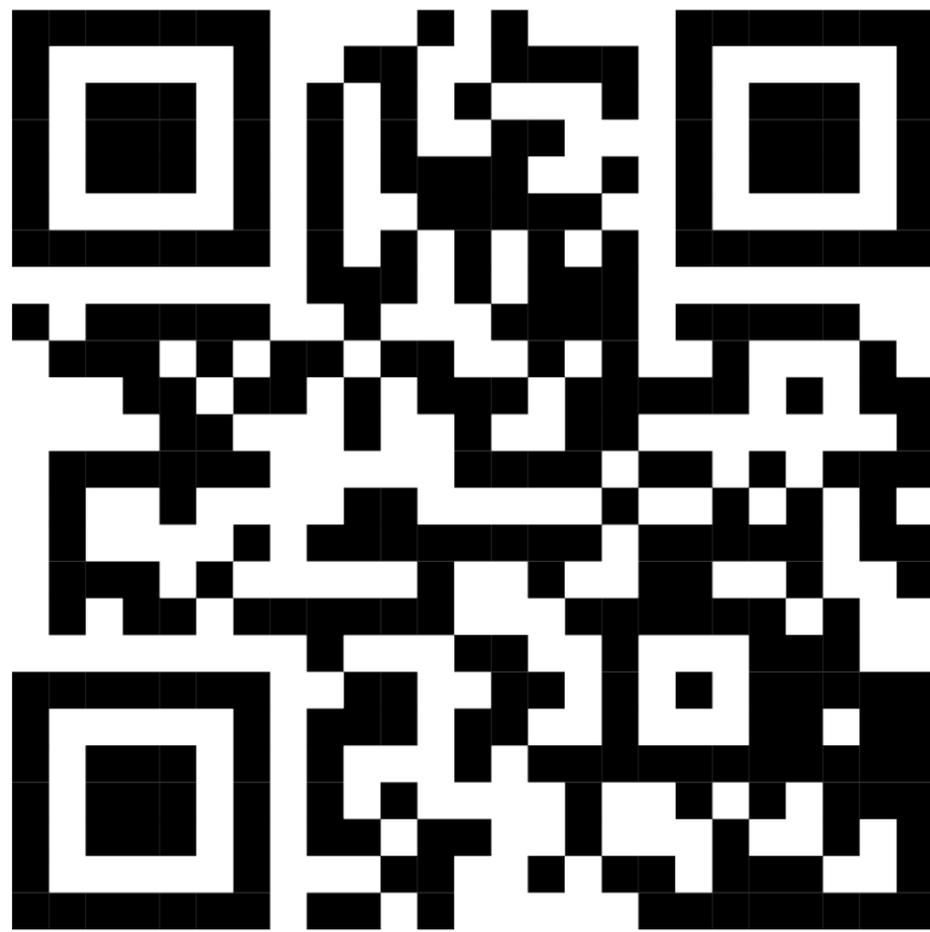


uma revista, um jornal, uma televisão, enfim; um tentáculo dessa grande mídia lhe dizendo o que fazer, no que acreditar e pra quem você tem que entregar seus direitos e sua força de trabalho. Já deu, parceiro! Chega de pão e circo. Até porque o pão nem sempre chega e o circo é de horrores.

"Vamo acordar, vamo acordar. Porque o sol não espera". Não espera não, meu bróder. O bicho tá pegando pra todo lado, mas "eu sou mais você nessa guerra". E quando a força abalar e a fraqueza bater, seu bom e velho cafezinho preto você já sabe onde encontrar. Poder ao Povo!

CAÇA PALAVRAS

C	E	F	A	F	O	A	O	I	N	I	M	I	G	O	A	A	N	I	O	O	P
A	D	P	R	E	T	O	I	H	D	O	A	R	E	I	H	L	M	I	S	D	S
F	F	G	K	H	I	D	R	E	L	E	T	R	I	C	A	Y	A	A	C	C	F
E	H	J	F	B	N	U	F	G	L	X	C	S	F	I	O	C	R	X	K	L	O
B	F	J	I	O	P	L	S	A	B	A	H	I	A	F	G	H	I	I	C	F	M
A	R	E	T	I	K	L	M	S	A	B	V	N	C	X	Z	D	S	T	I	I	U
F	E	M	I	N	I	S	M	O	K	L	S	B	A	N	A	R	Q	U	I	A	Z
A	V	A	N	H	J	R	T	U	O	P	I	E	B	X	F	R	U	S	F	F	E
E	O	N	B	P	A	O	C	K	I	J	N	U	M	K	L	I	E	X	N	O	I
G	L	C	I	N	B	M	O	I	U	K	D	M	N	U	H	G	I	F	C	U	T
X	U	S	C	B	O	P	M	I	E	A	I	T	R	Q	U	I	R	F	W	U	V
S	C	I	U	V	C	R	I	S	E	G	C	J	I	K	P	Q	A	R	C	N	B
E	A	V	B	I	M	N	F	G	H	E	A	F	L	K	X	Z	S	V	A	F	J
Q	O	C	V	T	U	O	B	N	M	A	T	I	J	L	M	N	C	U	T	R	W
F	T	U	Y	E	R	F	G	H	J	X	O	A	B	W	Q	A	D	E	O	F	O
A	U	Y	T	U	F	J	M	A	G	U	A	R	E	F	S	V	N	L	K	R	T



<http://cafe-preto.org>
contato@cafe-preto.org